

# CENÁRIOS DE RISCO E ESTRATÉGIAS PARA 2025 NO BRASIL E AMÉRICA LATINA

—● Transformações globais e impactos locais ●—



**t-Risk**  
Método de Avaliação de Riscos

## ***Resumo***

Este estudo aborda os principais desafios e oportunidades da gestão de riscos corporativos no Brasil e na América Latina, em um cenário global de transformações tecnológicas, mudanças climáticas e instabilidade geopolítica. Com base em *frameworks* internacionais, como as normas ISO 31000 e ISO 31050, e tendências globais emergentes, o trabalho destaca a necessidade de estratégias integradas e proativas para fortalecer a resiliência organizacional e transformar riscos em oportunidades estratégicas.

O texto explora as principais tendências de riscos globais, incluindo a transformação digital, a convergência tecnológica, a pressão por práticas ESG (Ambiental, Social e Governança), e as implicações das mudanças climáticas. Além disso, conecta essas tendências ao contexto brasileiro, detalhando vulnerabilidades em infraestrutura, cibersegurança e governança, e reforçando a necessidade de adaptação a padrões globais.

Com enfoque nas empresas brasileiras, são discutidos caminhos estratégicos para enfrentar os desafios do futuro, incluindo investimentos em tecnologias emergentes, fortalecimento da resiliência cibernética, diversificação de cadeias de suprimentos e integração de práticas ESG. O estudo conclui com recomendações práticas para líderes empresariais e destaca a importância de uma visão de longo prazo, alinhada às tendências globais e às particularidades locais, para promover sustentabilidade, inovação e competitividade no mercado global.

## ***Abstract***

*This study addresses the main challenges and opportunities of corporate risk management in Brazil and Latin America, within a global scenario of technological transformations, climate change, and geopolitical instability. Based on international frameworks such as ISO 31000 and ISO 31050 standards, as well as emerging global trends, the work highlights the need for integrated and proactive strategies to strengthen organizational resilience and transform risks into strategic opportunities.*

*The text explores the main global risk trends, including digital transformation, technological convergence, the pressure for ESG (Environmental, Social, and Governance) practices, and the implications of climate change. Additionally, it connects these trends to the Brazilian context, detailing vulnerabilities in infrastructure,*

*cybersecurity, and governance, while reinforcing the need for adaptation to global standards.*

*Focusing on Brazilian companies, the study discusses strategic pathways to tackle future challenges, including investments in emerging technologies, strengthening cyber resilience, diversifying supply chains, and integrating ESG practices. It concludes with practical recommendations for business leaders and emphasizes the importance of a long-term vision, aligned with global trends and local specificities, to promote sustainability, innovation, and competitiveness in the global market.*

### ***Palavras Chaves***

Gestão de riscos corporativos; riscos globais; resiliência organizacional; transformação digital; esg (ambiental, social e governança); sustentabilidade empresarial; riscos emergentes; planejamento estratégico; e governança corporativa.

# Sumário

1

## Introdução à gestão de riscos no cenário atual [pag. 07]

- Transformações globais e impactos locais
- Compliance e ESG como pilares estratégicos
- Cenários de policrise e interdependência global



2

## Principais tendências de riscos globais: 2025 e além [pag. 11]

- Transformação digital e riscos tecnológicos
- Mudanças climáticas e riscos ambientais
- Instabilidade geopolítica e regulação emergente
- Cadeias globais de fornecimento e interdependências setoriais



3

## Conectando as tendências globais ao cenário brasileiro [pag. 16]

- Adaptação às demandas globais e vulnerabilidades locais
- Pressões regulatórias e desafios de infraestrutura
- Sustentabilidade, cibersegurança e competitividade
- Impactos das mudanças climáticas na economia brasileira



4

## Impactos e desafios para as empresas no Brasil [pag. 22]

- Digitalização, inovação e capacitação
- Resiliência cibernética, desafios regulatórios e barreiras culturais
- Sustentabilidade corporativa e práticas ESG
- Vulnerabilidades em setores críticos



5

## Adaptação estratégica: caminhos para as empresas brasileiras [pag. 26]

- Integração de gestão de riscos, governança e compliance
- Investimentos em tecnologias emergentes, ESG e parcerias globais
- Modelos de resiliência, planos de contingência e cultura de proatividade
- Fortalecimento o papel do *Chief Risk Officer* (CRO)



6

## Conclusão e próximos passos [pag. 31]

- Gestão de riscos como motor estratégico de inovação
- Recomendações práticas para líderes empresariais
- Visão de longo prazo e adaptação às tendências globais
- Transformação de riscos em oportunidades



## Sobre a Plataforma t-Risk

A **Plataforma t-Risk** é uma solução SaaS disponível desde 2015, projetada para transformar a **gestão de riscos nas organizações**. Ela combina inovação tecnológica com as melhores práticas normativas globais, especialmente as diretrizes das **normas ISO 31000 e ISO 31050**. Totalmente alinhada aos padrões internacionais, a t-Risk oferece uma **abordagem analítica e prática**, auxiliando as empresas em todas as etapas da gestão de riscos corporativos: **identificação, análise, avaliação, priorização e tratamento**. Disponível em português, espanhol e inglês, a plataforma **aumenta em até 80% a produtividade organizacional**, entregando eficiência e precisão.

Com funcionalidades avançadas, a t-Risk integra **inteligência artificial** e oferece módulos robustos, como **APR** (Análise Preliminar de Riscos), **ESG** (Gestão de Riscos Ambientais, Sociais e de Governança), **MAM** (Módulo de Avaliação de Maturidade em Gestão de Riscos) e **OEA** (Operador Econômico Autorizado), além de um **Painel de Indicadores (BI)** e um **APP Mobile**. O **módulo 5W2H** permite um acompanhamento detalhado de projetos, tarefas e controles, garantindo que os riscos permaneçam dentro do apetite de risco da organização.

Além de **fortalecer o compliance e otimizar processos**, a t-Risk capacita seus clientes a transformarem desafios em oportunidades, oferecendo **insights valiosos para decisões estratégicas**. Seja para fortalecer a resiliência organizacional ou impulsionar o crescimento sustentável, a t-Risk é **uma aliada indispensável para enfrentar um cenário de riscos** cada vez mais dinâmico e complexo.

Descubra como a t-Risk pode revolucionar a gestão de riscos na sua organização. Explore o poder de nossas soluções e **fortaleça sua estratégia de gestão de riscos com uma ferramenta que vai além da tecnologia**: uma verdadeira parceira na sua jornada de transformação.



## Licença de Distribuição

Clique na imagem abaixo para acessar.



### Creative Commons License Deed

Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

This is a human-readable summary of (and not a substitute for) the [license](#).

#### Você tem o direito de:

**Compartilhar** — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

**Adaptar** — remixar, transformar, e criar a partir do material

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

#### De acordo com os termos seguintes:



**Atribuição** — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de nenhuma maneira que sugira que o licenciante apoia você ou o seu uso.



**NãoComercial** — Você não pode usar o material para fins comerciais.

**Sem restrições adicionais** — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



01

A close-up photograph of a person's hand pointing at a world map displayed on a tablet. The map is rendered in shades of blue and green, with a grid overlay. The hand is in the foreground, with the index finger pointing towards the map. The background is a blurred, bright blue sky.

# INTRODUÇÃO À GESTÃO DE RISCOS NO CENÁRIO ATUAL

## 1. Introdução à gestão de riscos no cenário atual

A gestão de riscos corporativos nunca foi tão crítica como no contexto atual, caracterizado por uma confluência de fatores globais disruptivos. A volatilidade dos mercados, impulsionada por rápidas mudanças econômicas, tecnológicas e sociais, combinada com instabilidades geopolíticas, destaca a necessidade de abordagens robustas e integradas para lidar com incertezas. A crescente interdependência entre sistemas globais, como infraestrutura digital, redes de fornecimento e os impactos das mudanças climáticas, amplifica a complexidade e as ameaças enfrentadas pelas organizações. Nesse cenário, a gestão de riscos não é mais uma função secundária, mas uma peça central da estratégia corporativa.

Os avanços tecnológicos, especialmente na inteligência artificial (IA), geram tanto oportunidades quanto ameaças. Por um lado, tecnologias emergentes permitem maior eficiência e análise preditiva, mas, por outro, criam novos riscos, como vieses algorítmicos, invasões cibernéticas e desafios éticos. O gerenciamento desses fatores exige liderança capacitada e a integração de metodologias como a governança de IA. Além disso, o conceito de resiliência cibernética surge como um pilar estratégico, substituindo abordagens de segurança tradicionais por práticas que priorizam a antecipação, adaptação e recuperação de eventos críticos.

As normas internacionais [ISO 31000](#) e [ISO 31050](#) desempenham papel fundamental ao fornecer frameworks estruturados para lidar com essa complexidade. Enquanto a ISO 31000 estabelece diretrizes para uma abordagem sistêmica e integrada de gestão de riscos, a ISO 31050 complementa esse modelo ao tratar de incertezas e riscos emergentes. Essa última enfatiza a necessidade de práticas proativas, como o [horizon scanning](#), para que as organizações possam prever e mitigar desafios futuros. No Brasil, a adoção desses padrões é essencial para fortalecer a governança e alinhar as estratégias corporativas às melhores práticas globais.

A transformação do compliance também reflete essa evolução. Ele não se limita mais à conformidade regulatória, mas molda comportamentos éticos e decisões estratégicas nas empresas. Em um ambiente de negócios cada vez mais regulado e exposto a pressões externas, como exigências ESG (Ambiental, Social e Governança), o compliance atua como um catalisador de inovação e resiliência. A integração do compliance com a gestão de riscos e a governança corporativa cria sinergias que fortalecem a capacidade das organizações de enfrentar desafios sistêmicos.

As crises interconectadas, descritas no conceito de [policrise](#), ilustram a necessidade de uma abordagem multidimensional para a gestão de riscos. **A interação entre mudanças climáticas, riscos cibernéticos, conflitos geopolíticos e tensões sociais cria um cenário**





**no qual os riscos raramente ocorrem de forma isolada.** Estudos, como o [Global Risks Report 2024](#), destacam que crises simultâneas estão pressionando sistemas de governança e exigindo respostas integradas. Empresas que reconhecem e respondem a essa interdependência estarão mais bem posicionadas para sobreviver e prosperar.

No Brasil, desafios locais como insegurança pública, instabilidade política e pressão econômica reforçam a relevância de práticas robustas de gestão de riscos. O [Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024](#) ressalta o impacto de crimes cibernéticos e violência urbana nas operações empresariais, especialmente em setores como varejo e transporte. Isso sublinha a necessidade de estratégias que **combinem segurança física e digital**, alinhadas às demandas do mercado global.

Outro ponto crítico é a crescente pressão para alinhar estratégias corporativas às práticas ESG. Investidores, consumidores e reguladores exigem maior transparência e responsabilidade social das empresas, criando tanto **riscos quanto oportunidades**. O alinhamento com essas demandas, além de mitigar riscos reputacionais, também pode desbloquear novas fontes de valor e competitividade, especialmente em mercados internacionais.

O cenário geopolítico global, marcado pela polarização entre potências como EUA, China e Rússia, também tem implicações significativas para o Brasil. **As empresas devem considerar as mudanças no equilíbrio de poder e as consequências de sanções e regulamentações em mercados estratégicos.** A gestão de riscos deve abranger não apenas impactos diretos, mas também consequências indiretas de decisões políticas e econômicas globais.

Para analisar riscos emergentes, reforçamos a importância de metodologias preditivas e uso intensivo de dados. Ferramentas como análise de cenários e modelagem avançada ajudam as organizações a preverem múltiplos futuros possíveis, permitindo maior flexibilidade e capacidade de adaptação. Isso é particularmente relevante em um mundo onde crises podem se intensificar rapidamente devido à conectividade global.

Por fim, a introdução de conceitos como [risco catastrófico global](#) e **risco existencial** amplia o escopo da gestão de riscos para incluir **eventos que poderiam comprometer civilizações ou mesmo a sobrevivência humana**. A integração de avaliações desses riscos nos frameworks normativos ajuda as organizações a adotarem uma visão de longo prazo e preparar respostas mais abrangentes. No contexto atual, a maturidade em governança de riscos não é apenas uma vantagem competitiva, mas uma necessidade estratégica para a resiliência organizacional.



Com base nesse panorama, **a gestão de riscos no Brasil e no mundo deve evoluir para incluir uma abordagem mais holística, proativa e integrada.** Essa transformação permitirá que as empresas não apenas enfrentem incertezas, mas também aproveitem oportunidades, guiando decisões estratégicas que fomentem inovação e sustentabilidade em um cenário global cada vez mais dinâmico.





## PRINCIPAIS TENDÊNCIAS DE RISCOS GLOBAIS: 2025 E ALÉM

## 2. Principais tendências de riscos globais: 2025 e além

O mundo corporativo caminha para um **cenário de crescente complexidade e interconexão**, onde tendências globais emergentes impõem desafios significativos às organizações. Entre essas tendências, destaca-se a transformação digital, impulsionada pela inteligência artificial (IA) e pela automação. Embora essas tecnologias ofereçam oportunidades únicas de inovação e eficiência, elas também ampliam os riscos associados à cibersegurança e à privacidade de dados. A desinformação gerada por IA, por exemplo, surge como um novo vetor de ameaça, exacerbando divisões sociais e dificultando a tomada de decisões empresariais e governamentais. A integração de soluções tecnológicas para monitorar a precisão e a integridade das informações automatizadas se tornou imprescindível.

Além disso, **os riscos emergentes, como mudanças climáticas, disrupções tecnológicas, movimentos migratórios e tensões sociais, exigem uma adaptação rápida e contínua**. As mudanças climáticas, em particular, aumentam a frequência de [eventos extremos](#), impactando diretamente operações logísticas e cadeias globais de suprimento. Paralelamente, movimentos migratórios, frequentemente motivados por crises políticas e ambientais, geram novos desafios humanitários e logísticos, pressionando as organizações a revisarem suas políticas de responsabilidade social e cadeias de fornecimento para mitigar tais impactos.

No campo geopolítico, a volatilidade continua a dominar o ambiente internacional. Tensões entre grandes potências, como Estados Unidos e China, bem como conflitos regionais, contribuem para um cenário de incerteza. A regulamentação de tecnologias emergentes, como a IA e a biotecnologia, acrescenta uma camada de complexidade, exigindo que as empresas antecipem mudanças nas políticas internacionais e adaptem-se rapidamente para evitar sanções e danos reputacionais. Essa dinâmica ressalta a importância de estratégias de compliance robustas e da conformidade regulatória como elementos essenciais da gestão de riscos.

**A crescente relevância das práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) reflete uma transformação nas expectativas de investidores, consumidores e reguladores**. A integração de fatores ESG nas estratégias corporativas não apenas mitiga riscos ambientais e sociais, mas também cria oportunidades de negócios sustentáveis. No entanto, **falhas na implementação dessas práticas podem resultar em riscos reputacionais e perda de acesso a mercados e capital**. O avanço das normas ESG inclui métricas de transparência climática e ética digital, exigindo que as organizações adaptem seus processos para alinhar-se às expectativas globais.





Figura 1 – Principais tendências de riscos globais.

Outro aspecto crítico diz respeito às cadeias globais de fornecimento, que continuam vulneráveis a eventos disruptivos. A pandemia de COVID-19 evidenciou fragilidades estruturais, exacerbadas pela dependência de fornecedores internacionais e pela falta de diversificação. **Desastres naturais, falhas em redes críticas de infraestrutura e crises geopolíticas podem desencadear efeitos em cascata que impactam diversos setores simultaneamente.** Nesse contexto, governos e empresas devem desenvolver redundâncias e estratégias de contingência, investindo em resiliência para proteger a continuidade dos negócios.

As tendências também apontam para o crescimento das tensões geopolíticas, que impactam diretamente setores críticos como energia e tecnologia. A transição energética, impulsionada pela demanda por minerais críticos como lítio e cobre, reforça a interdependência entre economias globais e cria desafios logísticos e de governança. No caso do Brasil, o papel do país como líder na transição energética e sua contribuição em fóruns globais, como a COP30, apresentam tanto desafios quanto oportunidades estratégicas.

A convergência entre sistemas de tecnologia da informação (IT) e tecnologia operacional (OT) também cria novos vetores de risco. A integração de tecnologias como **Internet das Coisas (IoT)** e **Gêmeos Digitais** aumenta a exposição a ataques cibernéticos sofisticados. Esses riscos são amplificados por instabilidades geopolíticas, que frequentemente incentivam ataques patrocinados por Estados. Empresas que operam infraestruturas críticas, como energia e telecomunicações, devem investir em estratégias integradas para proteger seus ativos e fortalecer sua resiliência.



As regulamentações globais, como o [Cyber Resilience Act](#) da União Europeia e requisitos obrigatórios de relatórios de incidentes nos Estados Unidos, estão redefinindo as responsabilidades organizacionais no campo da resiliência cibernética. As organizações precisam alinhar-se a essas normas para evitar penalidades e fortalecer sua capacidade de resposta a crises. A complexidade regulatória crescente também traz desafios financeiros e operacionais, mas cria oportunidades para moldar padrões globais e obter vantagens competitivas.

Finalmente, as organizações enfrentam uma crescente demanda por antecipação de riscos estratégicos. Mudanças climáticas extremas, pandemias, inovação disruptiva e tensões geopolíticas requerem a aplicação de ferramentas preditivas, como análise de cenários e modelagem avançada. Essas abordagens ajudam as empresas a se preparar para múltiplos futuros possíveis, garantindo flexibilidade e adaptabilidade. Em um ambiente global onde os riscos estão cada vez mais interconectados, a capacidade de responder a eventos disruptivos será um diferencial essencial para a sustentabilidade organizacional nos próximos anos.

Segue uma tabela consolidada com os principais riscos citados nesse capítulo:

Categoria de Risco	Risco	Descrição
Transformação digital e IA	Riscos de cibersegurança	Vulnerabilidades associadas ao uso de IA e automação, incluindo ataques avançados e violações de privacidade.
	Desinformação amplificada pela IA	Impacto da geração de conteúdos falsos, exacerbando tensões sociais e dificultando a tomada de decisões empresariais.
	Vieses algorítmicos e governança de IA	Necessidade de monitoramento ético e alinhamento com regulamentações emergentes sobre IA.
	Convergência IT/OT	Riscos associados à integração de sistemas operacionais e informacionais, ampliando os vetores de ataque.
	<a href="#">Gêmeos Digitais</a>	Vulnerabilidades em simulações de sistemas críticos que podem ser exploradas por cibercriminosos.
Climáticos e ambientais	Mudanças climáticas e eventos extremos	Impacto direto em cadeias de fornecimento, infraestrutura e economia devido a fenômenos como secas, enchentes e tempestades severas.
	Transição energética e recursos críticos	Escassez de minerais como lítio e cobre, necessários para a economia verde.



<b>Categoria de Risco</b>	<b>Risco</b>	<b>Descrição</b>
	Colapso da biodiversidade	Efeitos sistêmicos devido à perda de ecossistemas essenciais.
<b>Geopolítica e regulação</b>	Instabilidade geopolítica	Tensões entre potências como EUA, China e Rússia, afetando cadeias globais e mercados emergentes.
	Protecionismo e fragmentação econômica	Impacto de barreiras comerciais, sanções e reorganização de blocos econômicos.
	Regulamentações emergentes	Custos associados à adaptação a novas leis, como o AI Act e Cyber Resilience Act.
	Polarização política e populismo	Crescente instabilidade institucional e econômica em mercados emergentes.
<b>Operacional e de infraestrutura</b>	Fragilidade de cadeias de suprimento	Dependência de fornecedores internacionais, falta de diversificação e eventos disruptivos, como pandemias.
	Interdependência setorial	Falhas em setores como energia e telecomunicações gerando crises em cascata.
	Ameaças a infraestruturas críticas	Sabotagem, espionagem e ataques cibernéticos a sistemas essenciais.
<b>Sociais e demográficos</b>	Movimentos migratórios	Crises humanitárias e desafios logísticos devido a deslocamentos forçados por conflitos ou mudanças climáticas.
	Envelhecimento populacional	Impactos econômicos no aumento de custos de saúde e sustentabilidade de sistemas de previdência.
	Tensões sociais e desigualdades	Polarização crescente e desafios na gestão de conflitos internos.
<b>Pandemias e biotecnologia</b>	Resiliência a pandemias	Probabilidade de novas pandemias e ameaças biológicas, incluindo bioterrorismo.
	Riscos da biologia sintética	Possibilidade de uso indevido de avanços em biotecnologia.
<b>Riscos estratégicos e econômicos</b>	Complexidade e volume crescente de riscos	Dificuldade crescente em antecipar eventos disruptivos devido à interconectividade global.
	Disrupções tecnológicas e mercado	Impactos de inovações disruptivas que superam a capacidade de adaptação das empresas.
	Riscos financeiros e econômicos	Desaceleração comercial global e aumento do protecionismo, afetando competitividade.

*Tabela 1 - Principais riscos globais para 2025.*





**CONECTANDO AS TENDÊNCIAS  
GLOBAIS AO CENÁRIO BRASILEIRO**



### 3. Conectando as tendências globais ao cenário brasileiro

As mudanças globais têm impactos profundos e multifacetados no Brasil, exigindo que o país se adapte de maneira estratégica para enfrentar desafios econômicos, políticos e tecnológicos. A aceleração da digitalização global e as crescentes tensões geopolíticas pressionam o Brasil a reavaliar suas políticas internas e sua posição no mercado internacional. Como uma economia emergente, o país enfrenta vulnerabilidades específicas, como a **volatilidade dos mercados externos** e a **dependência de commodities**, que tornam sua economia particularmente sensível às dinâmicas globais. A necessidade de modernizar infraestruturas e adotar políticas tecnológicas eficazes é urgente para garantir competitividade em um cenário global cada vez mais interconectado.

A transformação digital está no centro das exigências para o Brasil, com as empresas sendo desafiadas a acelerar a adoção de tecnologias emergentes, como inteligência artificial, enquanto lidam com os riscos associados à cibersegurança e inovação. Além disso, a pressão global por uma transformação sustentável está forçando o Brasil a reestruturar setores essenciais como agricultura e energia para se alinhar às exigências ambientais internacionais. Essa pressão se soma à necessidade de criar estratégias robustas que equilibrem crescimento econômico com preservação ambiental e justiça social, em um cenário onde práticas ESG estão se tornando imperativas para investidores e reguladores.

O contexto brasileiro apresenta desafios adicionais que dificultam a construção de um ambiente de negócios resiliente e competitivo. A **insegurança jurídica** e a **instabilidade política** continuam a ser barreiras significativas, dificultando o planejamento estratégico de longo prazo. Além disso, a crescente **polarização social e política** contribui para a desconfiança institucional, criando um ambiente de negócios imprevisível. A proliferação de **desinformação** e **fraudes eletrônicas** é outro elemento crítico que amplifica os riscos enfrentados pelas organizações brasileiras, especialmente durante períodos eleitorais e de grandes mudanças regulatórias.

No campo da infraestrutura, o Brasil lida com desafios crônicos que impactam diretamente a logística e a continuidade operacional. **A interdependência entre setores críticos, como energia e transporte, aumenta a probabilidade de crises em cascata causadas por falhas sistêmicas.** É essencial que as empresas desenvolvam planos de contingência que considerem essas vulnerabilidades intersetoriais. No mesmo sentido, a infraestrutura digital do Brasil é alvo constante de ataques cibernéticos, especialmente em setores críticos como **financeiro** e **energético**. **O crescimento exponencial de fraudes eletrônicas e cibercrimes** exige investimentos massivos em segurança cibernética para proteger dados e operações críticas.





Figura 2 – Principais riscos em 2025 no Brasil.

Os impactos das mudanças climáticas representam um desafio significativo para o Brasil. Eventos extremos, como secas e enchentes, têm efeitos devastadores em setores-chave como agricultura e infraestrutura. Fenômenos como o [El Niño](#) continuarão a agravar essas vulnerabilidades, tornando essencial a implementação de políticas de resiliência climática e adaptação. Além disso, a dependência brasileira de exportações de commodities, como soja e minério de ferro, coloca o país em uma posição vulnerável diante das flutuações do comércio global e dos preços internacionais.

A agenda ESG no Brasil está ganhando força, mas enfrenta desafios consideráveis. Apesar da crescente demanda por transparência e responsabilidade ambiental e social, barreiras regulatórias e culturais dificultam a implementação de práticas sustentáveis em larga escala. A pressão por alinhamento às regulamentações internacionais, como as normas ambientais da União Europeia, é um fator adicional que pode impactar a competitividade das empresas brasileiras no mercado global.

Outro aspecto fundamental é a integração econômica do Brasil em um mundo cada vez mais multipolar. A dependência de exportações para mercados como China e Estados Unidos cria vulnerabilidades específicas, especialmente em um cenário de tensões comerciais e políticas protecionistas. Ao mesmo tempo, o Brasil possui uma oportunidade estratégica de liderança no debate climático global, especialmente com eventos como a [COP30](#), que ocorrerá no país. No entanto, isso exige a adoção de políticas inovadoras que integrem sustentabilidade e inovação tecnológica.



O Brasil também precisa enfrentar riscos associados à **governança digital** e à **regulação da inteligência artificial**. A ausência de uma regulamentação robusta pode aumentar as desigualdades regionais e comprometer a resiliência organizacional. Além disso, a **dependência de sistemas legados** e a **dificuldade em atrair talentos qualificados** ampliam os desafios para a modernização tecnológica do país.

Por fim, a dinâmica política e social interna apresenta riscos únicos para o Brasil. A **polarização política e o avanço do populismo** podem impactar políticas públicas e regulamentações, influenciando diretamente o ambiente de negócios. A violência urbana e o crime organizado, impulsionados pelo narcotráfico, refletem tendências regionais de aumento da criminalidade e desafios de segurança pública, que afetam a confiança dos investidores e a estabilidade econômica.

Para enfrentar esses desafios, o Brasil precisa alinhar sua gestão de riscos às tendências globais, fortalecendo sua governança, modernizando sua infraestrutura e investindo em resiliência organizacional. A integração entre os insights da gestão de riscos e o planejamento estratégico será essencial para que o país aproveite oportunidades e minimize vulnerabilidades em um ambiente global cada vez mais complexo e interdependente.

Segue tabela organizada com os riscos citados nesse capítulo, com foco no cenário brasileiro:


Categoria de Risco	Riscos	Impactos e Consequências
Econômicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dependência de commodities e minerais críticos;</li> <li>• Volatilidade dos mercados externos;</li> <li>• Inflação elevada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oscilações nos preços de exportações e insumos;</li> <li>• Instabilidade nas exportações e receitas;</li> <li>• Custos crescentes e dificuldade de planejamento estratégico.</li> </ul>
Políticos e institucionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Instabilidade política e polarização social;</li> <li>• Insegurança jurídica;</li> <li>• Desinformação e <i>fake news</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desafios à governança e à estabilidade regulatória;</li> <li>• Dificuldade para atrair investimentos;</li> <li>• Crise de confiança institucional.</li> </ul>
Infraestrutura	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Precariedade de transporte e energia;</li> <li>• Interdependência entre setores críticos (ex. energia e transporte).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crises em cascata que afetam operações logísticas e continuidade operacional;</li> <li>• Custos elevados para adaptação e modernização.</li> </ul>



<b>Categoria de Risco</b>	<b>Riscos</b>	<b>Impactos e Consequências</b>
<b>Cibernéticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crescimento de cibercrimes e fraudes eletrônicas;</li> <li>• Vulnerabilidade de setores críticos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Impactos diretos em dados e operações críticas;</li> <li>• Custos elevados com recuperação e mitigação;</li> <li>• Perda de confiança do consumidor e investidores.</li> </ul>
<b>Climáticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Eventos extremos como secas, enchentes e o fenômeno El Niño.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Impactos severos em agricultura e infraestrutura;</li> <li>• Redução na produção de alimentos e aumento de custos;</li> <li>• Pressão para adoção de políticas de resiliência.</li> </ul>
<b>Ambientais (ESG)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pressão por práticas sustentáveis;</li> <li>• Barreiras regulatórias e culturais para implementação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Necessidade de adaptação a padrões globais de ESG;</li> <li>• Impactos reputacionais para empresas não alinhadas;</li> <li>• Dificuldade de acesso a mercados e capital.</li> </ul>
<b>Tecnológicos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Adoção insuficiente de tecnologias emergentes;</li> <li>• Falta de regulamentação robusta para IA.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda de competitividade no cenário global;</li> <li>• Ampliação de desigualdades regionais;</li> <li>• Exposição a riscos de governança e segurança digital.</li> </ul>
<b>Logísticos e cadeias de suprimentos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dependência de fornecedores internacionais;</li> <li>• Impactos de tensões geopolíticas nas cadeias globais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interrupções no abastecimento;</li> <li>• Aumento de custos e instabilidade nas operações;</li> <li>• Necessidade de diversificação de fornecedores e rotas.</li> </ul>
<b>Sociais</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crescimento das desigualdades sociais;</li> <li>• Criminalidade organizada e violência urbana.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Redução da confiança empresarial e investimentos;</li> <li>• Impactos na produtividade e segurança corporativa;</li> <li>• Desafios para proteção de patrimônio e pessoas.</li> </ul>
<b>Geopolíticos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tensões entre grandes potências (EUA, China, Rússia);</li> <li>• Impactos de embargos e sanções internacionais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Oscilações no comércio internacional;</li> <li>• Riscos de desabastecimento e aumento de preços;</li> <li>• Necessidade de adaptação a novas regras comerciais.</li> </ul>

Tabela 2 – Principais riscos para 2025 com foco no cenário brasileiro.





Essa tabela organiza de forma clara os principais riscos no contexto brasileiro, destacando suas categorias, exemplos específicos e implicações para empresas e sociedade.



04

# IMPACTOS E DESAFIOS PARA AS EMPRESAS NO BRASIL

## 4. Impactos e desafios para as empresas no Brasil

O cenário empresarial brasileiro está passando por uma profunda transformação, impulsionada pela integração de tecnologias emergentes e pelas crescentes exigências regulatórias. A transformação digital, liderada por avanços na inteligência artificial e automação, está redefinindo a forma como as empresas operam. As organizações que adotam novas tecnologias de forma ágil otimizam processos, reduzem custos e aumentam sua competitividade. No entanto, essa evolução também apresenta desafios significativos, como a necessidade de **infraestrutura tecnológica robusta, capacitação da força de trabalho e mitigação de riscos cibernéticos**, que se tornaram cada vez mais frequentes e sofisticados.

A digitalização não apenas traz eficiência, mas também exige uma abordagem ética e transparente na governança tecnológica. A utilização de inteligência artificial, por exemplo, levanta questões sobre privacidade de dados, vieses algorítmicos e impacto no emprego. Empresas que lideram a adoção de tecnologias emergentes devem implementar políticas de governança robustas para equilibrar inovação com confiança do consumidor e compliance regulatório. A ausência de tais estruturas pode comprometer a competitividade e aumentar os riscos reputacionais.

O ambiente regulatório brasileiro também está em transformação, com novas leis como a **Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)** e **regulamentações voltadas para ESG** (Ambiental, Social e Governança) impondo desafios adicionais às empresas. A complexidade do sistema tributário brasileiro, somada à insegurança jurídica, eleva os custos de conformidade e intensifica os riscos de litígios. Além disso, padrões internacionais de cibersegurança e sustentabilidade estão pressionando as empresas brasileiras a se alinharem às exigências globais, sob pena de perderem acesso a mercados estratégicos.

A sustentabilidade corporativa se tornou uma prioridade estratégica, especialmente em um contexto de maior pressão por práticas ESG. Empresas que não integram sustentabilidade em suas operações enfrentam riscos crescentes, incluindo restrições regulatórias, perda de investidores e danos à reputação. No Brasil, questões como **desmatamento, emissões de carbono e desigualdade social** estão no centro das atenções de *stakeholders*. A implementação de práticas ESG eficazes exige uma abordagem integrada, que abranja desde a cadeia de suprimentos até a operação diária das organizações.

As mudanças climáticas são um desafio adicional para as empresas brasileiras. Eventos climáticos extremos, como secas e enchentes, impactam setores essenciais como agricultura e infraestrutura. Sem políticas proativas de resiliência climática, empresas



podem enfrentar interrupções severas em suas operações, comprometendo sua sustentabilidade no longo prazo. Além disso, o Brasil, como um dos maiores exportadores de commodities do mundo, deve equilibrar as demandas por crescimento econômico com a necessidade de preservar seus recursos naturais e responder às crescentes expectativas globais de sustentabilidade.

A transformação digital também acentua a vulnerabilidade a ataques cibernéticos, especialmente em setores críticos como financeiro, energia e transporte. No Brasil, as empresas têm enfrentado um aumento exponencial de fraudes eletrônicas e crimes cibernéticos, demandando investimentos significativos em cibersegurança. A convergência entre sistemas de [tecnologia da informação](#) (TI) e [tecnologia operacional](#) (OT) apresenta riscos adicionais, ampliando os vetores de ataque e a complexidade da gestão de riscos cibernéticos.

Além disso, a falta de profissionais qualificados para lidar com tecnologias emergentes e práticas avançadas de segurança cibernética representa um desafio crítico em toda a região. A escassez de talentos qualificados em áreas como IA, automação e compliance ESG afeta diretamente a capacidade das empresas brasileiras de se adaptarem ao cenário global em rápida transformação. **Investir em educação tecnológica e requalificação da força de trabalho será essencial para superar essas barreiras e maximizar o potencial das novas tecnologias.**

A adaptação às mudanças regulatórias globais também é um ponto sensível para empresas brasileiras, especialmente para aquelas que operam em mercados internacionais. Normas como o **Cyber Resilience Act** da União Europeia e regulamentações ambientais mais rigorosas exigem conformidade robusta e aumentam a pressão por maior transparência. Empresas que não se alinham a esses padrões correm o risco de perder acesso a mercados estratégicos e enfrentar sanções financeiras significativas.

Por outro lado, a inovação sustentável apresenta uma oportunidade estratégica para empresas que buscam se destacar em um ambiente competitivo. Tecnologias como [gêmeos digitais](#), energia renovável e análise avançada de dados podem transformar operações e melhorar a eficiência das organizações. No entanto, para que essas iniciativas sejam bem-sucedidas, é essencial que as empresas integrem governança de riscos e inovação em suas estratégias, criando valor sustentável no longo prazo.

A [governança corporativa](#) também desempenha um papel central na mitigação de riscos sistêmicos e no aumento da resiliência organizacional. A falta de alinhamento entre equipes de risco e alta gestão, bem como a ausência de processos estruturados de identificação e resposta a riscos, deixa as empresas vulneráveis a crises. O





fortalecimento da governança é particularmente crítico em um cenário de crescente complexidade regulatória e tecnológica.



*Figura 3 – Principais impactos e desafios para as empresas no Brasil.*

Por fim, o alinhamento entre práticas de gestão de riscos e decisões estratégicas é essencial para transformar desafios em oportunidades. Empresas brasileiras precisam adotar uma abordagem integrada que equilibre transformação digital, sustentabilidade e conformidade regulatória. Dessa forma, podem mitigar riscos e se posicionar como líderes em um mercado global altamente competitivo e interconectado.



05



# ADAPTAÇÃO ESTRATÉGICA: CAMINHOS PARA AS EMPRESAS BRASILEIRAS

Issue 764  
Monday, Jun 14, 2016  
#Citydailynews

City Daily

...reasons we  
successful

## 5. Adaptação estratégica: caminhos para as empresas brasileiras

A necessidade de **adaptação estratégica** nunca foi tão urgente para as empresas brasileiras. Em um cenário global marcado por rápidas transformações tecnológicas, mudanças regulatórias e instabilidade geopolítica, as organizações precisam ir além das abordagens tradicionais de gestão de riscos. A formulação de estratégias robustas para mitigar e se adaptar a novos riscos é indispensável para assegurar a **continuidade dos negócios e a competitividade** em mercados dinâmicos.

A criação de **planos de contingência dinâmicos e regularmente atualizados** é um ponto central para enfrentar a volatilidade atual. Esses planos devem considerar as complexas interdependências entre cadeias de suprimentos, infraestrutura crítica e setores produtivos, que podem amplificar os impactos de choques sistêmicos. Ferramentas como análise de cenários e monitoramento de riscos em tempo real são essenciais para antecipar crises e responder de forma ágil a eventos disruptivos. A implementação de uma **cultura organizacional voltada para a proatividade na gestão de riscos** é igualmente fundamental, promovendo maior resiliência e adaptabilidade.

Os investimentos em tecnologias emergentes, como inteligência artificial, análise avançada de dados e automação, são fundamentais para melhorar a eficiência operacional e fortalecer a resiliência organizacional. No entanto, a modernização tecnológica deve ser acompanhada de esforços significativos para capacitar equipes e criar uma **cultura de inovação** dentro das empresas. **Modelos operacionais ágeis**, que permitam rápida adaptação a mudanças no ambiente de negócios, também desempenham um papel estratégico. Além disso, **parcerias estratégicas internacionais** podem viabilizar o acesso a matérias-primas essenciais e à vanguarda tecnológica, fortalecendo a competitividade do Brasil em setores emergentes como IA e energias renováveis.

A **integração entre compliance, governança e gestão de riscos** devem ser priorizadas para enfrentar os desafios crescentes. **Essa colaboração facilita a identificação de vulnerabilidades, a formulação de estratégias coesas e a tomada de decisões informadas**. Comitês interdepartamentais podem ser criados para identificar e mitigar riscos rapidamente, enquanto conselhos de administração devem incluir a gestão de riscos como um elemento central na formulação de suas estratégias. Essa integração também é vital para que as empresas se adaptem a mudanças regulatórias globais, minimizando penalidades e fortalecendo sua reputação no mercado.

Outro elemento essencial para a adaptação estratégica é o **fortalecimento da resiliência cibernética**. Com a crescente digitalização das empresas brasileiras, os ciberataques emergem como uma ameaça cada vez mais significativa, especialmente em setores



críticos, como financeiro e energia. Investir em ferramentas avançadas de monitoramento e resposta, bem como na criação de **planos de continuidade de negócios que considerem falhas cibernéticas e físicas**, é indispensável. A resiliência cibernética também depende da colaboração entre empresas, reguladores e fornecedores para criar um ecossistema mais seguro e resiliente.

Além disso, a adoção de práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) precisa ser acelerada no Brasil. Empresas que integram riscos ESG em suas estratégias não apenas mitigam riscos ambientais e sociais, mas também descobrem novas oportunidades de negócios em um mercado cada vez mais orientado pela sustentabilidade. No entanto, a implementação eficaz dessas práticas exige superar barreiras culturais e regulatórias, além de investir em transparência e responsabilidade corporativa.

A colaboração regional e internacional também é um aspecto relevante. Empresas brasileiras devem se alinhar a iniciativas globais para fortalecer cadeias de suprimentos e adotar inovações sustentáveis. Por exemplo, parcerias dentro do Mercosul ou com economias globais podem ajudar a mitigar riscos compartilhados e explorar novas oportunidades de mercado. A diversificação de mercados e fornecedores também é uma estratégia crítica para reduzir vulnerabilidades em um cenário global fragmentado.

Por fim, o fortalecimento da governança corporativa e a criação de papéis de liderança em gestão de riscos, como o [Chief Risk Officer](#) (CRO), são fundamentais para alinhar os insights de riscos aos objetivos estratégicos da organização. O CRO desempenha um papel central na definição de prioridades, assegurando que as iniciativas de gestão de riscos estejam diretamente conectadas ao planejamento estratégico e ao alcance das metas e objetivos organizacionais. Além disso, o CRO atua como um elo fundamental entre a alta gestão, os conselhos de administração e as equipes operacionais, promovendo uma visão integrada dos riscos em todos os níveis da empresa.



## ADAPTAÇÃO ESTRATÉGICA: caminhos para as empresas brasileiras



Figura 4 – Principais caminhos para as empresas no Brasil se adaptarem estrategicamente.

Para organizar de maneira eficaz a estrutura de governança de riscos, a adoção do Modelo das Três Linhas, recomendada pelo IIA (Institute of Internal Auditors), é essencial. Nesse modelo, o CRO lidera o comitê da segunda linha, que é responsável por monitorar, supervisionar e aconselhar sobre a gestão de riscos e o compliance. Esse comitê serve como uma ponte entre a primeira linha (gestão operacional e gerência direta dos riscos) e a terceira linha (auditoria interna independente), promovendo uma abordagem coesa e eficiente para a governança organizacional. Além disso, a formação de comitês específicos para temas emergentes, como a governança de inteligência artificial, reforça a maturidade organizacional. Treinamentos regulares em compliance e gestão de riscos complementam essa estrutura, aumentando a capacidade de resposta da organização às crises e fortalecendo sua resiliência diante de um ambiente de negócios cada vez mais complexo.

Em resumo, as empresas brasileiras precisam adotar uma abordagem holística para a adaptação estratégica. Isso inclui a **diversificação de cadeias de suprimentos**, a **colaboração intersetorial**, o **fortalecimento da governança** e a **modernização tecnológica**. Essas medidas são fundamentais para enfrentar as disrupções do ambiente de negócios e garantir que as organizações estejam preparadas para prosperar em um mundo cada vez mais complexo e interconectado.

Segue uma tabela resumindo os elementos essenciais para a adaptação estratégica tratados nesse capítulo:



Elemento Essencial	Descrição	Ações Recomendadas
Adaptação às demandas globais	Modernização de infraestruturas e políticas tecnológicas para competitividade no cenário global.	Investir em inovação, digitalização e alinhamento às regulamentações internacionais.
Gestão de infraestrutura crítica	Precariedade da infraestrutura em transporte, energia e telecomunicações com riscos intersetoriais.	Desenvolver planos de contingência, investir em modernização e priorizar resiliência de sistemas críticos.
Cibersegurança	Vulnerabilidade a fraudes eletrônicas e ciberataques, especialmente em setores críticos.	Implementar sistemas robustos de segurança, capacitar equipes e adotar estratégias de proteção integrada.
Adaptação às mudanças climáticas	Impacto de eventos extremos no agronegócio e infraestrutura.	Implementar políticas de resiliência climática e investir em práticas sustentáveis no setor econômico.
Agenda ESG	Pressão por práticas sustentáveis e responsabilidade socioambiental com barreiras de implementação.	Integrar práticas ESG às estratégias corporativas e alinhar-se às regulamentações internacionais.
Gerenciamento de cadeias de suprimento	Dependência de exportações e oscilações no comércio global.	Diversificar fornecedores e desenvolver estratégias para mitigar riscos associados às cadeias globais.
Governança digital e IA	Falta de regulamentação robusta e dificuldade em atrair talentos qualificados.	Criar políticas regulatórias para IA e investir em capacitação tecnológica.
Governabilidade e estabilidade política	Polarização e insegurança jurídica afetando o ambiente de negócios.	Promover políticas que incentivem a confiança institucional e criar mecanismos para mitigar riscos políticos.
Competitividade e sustentabilidade	Pressão para alinhar-se às demandas por transformação verde e inovação tecnológica.	Priorizar investimentos em sustentabilidade e desenvolvimento tecnológico alinhado às tendências globais.

Tabela 3 – Elementos essenciais para a adaptação estratégica no cenário brasileiro.



06

# CONCLUSÃO E PRÓXIMOS PASSOS

## 6. Conclusão e próximos passos

O futuro da gestão de riscos no Brasil, alinhado às tendências globais, exige das organizações uma transformação profunda de suas abordagens. O cenário atual, marcado por incertezas, volatilidade e interconexões, demanda uma capacidade robusta de adaptação e resiliência. Empresas que perceberem a **gestão de riscos como um motor estratégico para inovação e crescimento sustentável**, em vez de uma função meramente reativa, estarão mais bem preparadas para prosperar em um ambiente global altamente competitivo.

A transformação de riscos em oportunidades dependerá de uma **cultura organizacional voltada para a inovação, resiliência e maturidade em riscos**. Essa evolução requer o envolvimento de todos os níveis da organização, com lideranças ativamente engajadas em construir um ambiente onde o monitoramento contínuo e a tomada de decisões informadas sejam prioridades. O fortalecimento das práticas ESG (Ambiental, Social e Governança) não deve ser visto apenas como uma exigência regulatória, mas como uma **alavanca estratégica** para gerar valor e atender às expectativas de *stakeholders*.

Empresas brasileiras precisam incorporar a gestão de riscos em suas estratégias centrais, garantindo que decisões sejam fundamentadas em dados precisos e análises preditivas. A integração entre gestão de riscos, governança corporativa e compliance permite maior resiliência organizacional e uma resposta mais eficaz a crises. Além disso, o fortalecimento da governança de IA e ESG é indispensável, com conselhos de administração assumindo um papel estratégico na supervisão de riscos emergentes, como mudanças climáticas e cibersegurança.

O investimento em tecnologias emergentes será uma prioridade estratégica. A transformação digital, impulsionada por ferramentas como inteligência artificial e [\*machine learning\*](#), abre oportunidades para mitigar riscos de forma mais eficiente. Contudo, também exige que as empresas estejam preparadas para lidar com ameaças cibernéticas cada vez mais sofisticadas. Empresas que priorizarem a resiliência cibernética e investirem em IA responsável estarão mais bem posicionadas para proteger seus ativos e criar vantagens competitivas.

A integração de práticas ESG é outro pilar fundamental para garantir sustentabilidade e reputação corporativa. A adoção de iniciativas robustas em sustentabilidade e responsabilidade social é uma resposta às crescentes pressões regulatórias e expectativas de investidores, consumidores e colaboradores. O compromisso com ESG deve ser estratégico, promovendo transparência e práticas éticas alinhadas aos desafios do futuro.





A preparação para o inesperado também requer a construção de resiliência organizacional por meio de **planos de contingência integrados, exercícios regulares de simulação de crises e governança flexível**. Essas ações permitem uma resposta ágil e coordenada a eventos disruptivos, **minimizando os impactos financeiros, reputacionais e operacionais**.

Para líderes empresariais, algumas recomendações práticas incluem:

1. **Integração estratégica da gestão de riscos:** Garantir que riscos sejam parte integral da tomada de decisões estratégicas, promovendo diálogos regulares sobre governança de riscos no conselho de administração e alinhando as práticas aos objetivos corporativos.
2. **Investimento contínuo em capacitação:** Desenvolver talentos internos em cibersegurança, ESG e análise preditiva de riscos, reduzindo lacunas de habilidades e fortalecendo a capacidade de resposta organizacional, além de promover a formação contínua de lideranças.
3. **Parcerias público-privadas:** Estabelecer colaborações com autoridades locais e internacionais para combater cibercrimes, mitigar impactos de mudanças climáticas e construir resiliência em setores críticos.
4. **Fortalecimento da resiliência cibernética:** Adotar medidas avançadas de proteção cibernética, como monitoramento contínuo e simulações de ataque, e fomentar uma cultura organizacional que priorize a segurança digital em todos os níveis.
5. **Planejamento de longo prazo:** Elaborar estratégias que combinem previsibilidade e flexibilidade, alinhadas às tendências globais de transformação digital, sustentabilidade e adaptação às mudanças climáticas.
6. **Adoção de tecnologias emergentes:** Incorporar ferramentas como inteligência artificial, big data e automação para aprimorar a análise de riscos, aumentar a eficiência e antecipar eventos disruptivos.
7. **Promoção de práticas ESG robustas:** Alinhar operações às expectativas de investidores e consumidores, adotando métricas de impacto ambiental, social e de governança que sejam transparentes e mensuráveis.



8. **Diversificação das cadeias de suprimentos:** Reduzir a dependência de fornecedores únicos e criar planos de contingência para lidar com interrupções, garantindo a continuidade operacional em cenários de crise.
9. **Engajamento com stakeholders:** Estabelecer uma comunicação constante e transparente com investidores, clientes, colaboradores e a sociedade, promovendo confiança e alinhamento com as expectativas de cada grupo.
10. **Cultura de inovação e adaptação:** Criar um ambiente corporativo que incentive a inovação, a criatividade e a flexibilidade para responder rapidamente a mudanças no cenário de negócios e aos riscos emergentes.


**O sucesso das organizações dependerá, em grande parte, de sua capacidade de antecipar tendências, integrar inovações tecnológicas e adaptar-se rapidamente às mudanças no ambiente global.** A colaboração interfuncional entre áreas como compliance, ESG e cibersegurança será essencial para criar estratégias integradas e adaptativas, capazes de enfrentar riscos interconectados e de impacto sistêmico.

No contexto brasileiro, é vital que líderes empresariais adotem uma visão de longo prazo, incorporando os aprendizados globais à realidade local. Isso inclui aproveitar a posição estratégica do Brasil como líder regional e reforçar sua influência em agendas globais, como a sustentabilidade e o desenvolvimento de tecnologias emergentes. **A próxima década trará desafios significativos, mas também oportunidades únicas para empresas que conseguirem transformar a gestão de riscos em um diferencial competitivo.**



Figura 5 – Principais recomendações para líderes empresariais.





**Por fim, é essencial reconhecer que a resiliência organizacional vai além da resposta a crises, sendo também um catalisador para a inovação e a diferenciação no mercado.** Empresas brasileiras que priorizarem a integração entre resiliência, inovação e sustentabilidade estarão mais preparadas para enfrentar um futuro incerto e volátil, contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do país e para um cenário global mais estável e sustentável.



## Softwares t-Risk

Conheça todos os módulos e ferramentas da Plataforma Total Risk.



GRC

### Módulo Gestão de Riscos Corporativos

Análises de riscos integrados e planejamento de segurança.



APR

### Módulo Análise Preliminar de Riscos

Avaliação prévia sobre os principais riscos em uma organização.



OEA

### Módulo Operador Econômico Autorizado

Gerenciamento dos riscos aduaneiros.



ESG

### Módulo Gestão de Riscos da Agenda ESG

Background Check e Due Diligence Digital.



MAM

### Módulo Avaliação de Maturidade

Análise do nível de maturidade de uma organização em cada uma das 11 dimensões críticas.



APP

### Aplicativo de

### Avaliação de Riscos

Integrado a plataforma web, uma solução completa para a coleta de informações no campo.





TURBINE SUAS **ANÁLISES DE RISCOS**  
COM A **INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** DA  
**T-RISK!**

Acesse agora mesmo e  
confira mais essa novidade.

[CLIQUE AQUI](#)



[www.totalrisk.com.br](http://www.totalrisk.com.br)

2025